

IDENTIDADE NACIONAL, IDENTIDADE PESSOAL E NATUREZA BÚDICA

JAMES LOW

PALESTRA PÚBLICA, BERLIM. 25 DE OUTUBRO DE 2017

TRANSCRITO POR LEA PABST E EDITADO POR BARBARA TERRIS

TRADUZIDO POR ALINE COSTA E REVISADO POR JOÃO VALE

Conteúdo

“Eu” é um significante vazio	2
“Eu” aqui e “você” lá fora	3
A falta de confiabilidade da identificação	5
Construindo a nossa identidade a partir de conceitos	6
Buscando segurança por meio de categorias	7
Os cinco skandas	9
Saindo da identidade para a natureza búdica	10

Trechos

... o que considero ser minha identidade não é algo que eu tenho dentro de mim, mas sim um potencial que pode se manifestar de muitas maneiras diferentes de acordo com as circunstâncias. É o mesmo com as identidades nacionais. Os países podem ser amigáveis em uma direção e totalmente assassinos em outra...

... Nascer é ter uma identidade, ser alguém. Mas quem eu sou é um conjunto de conceitos. Eu sou uma história que eu conto para mim mesmo e conto para outras pessoas; essa história inclui as histórias que outras pessoas me contaram sobre mim. Então, quem eu sou se não sou uma história? Quem eu sou antes de dizer pra mim mesmo quem eu sou? Usamos a meditação para tentar descobrir isso ...

... Nossa natureza búdica é a lucidez aberta, como o céu, dentro da qual pensamentos, sentimentos, memórias etc. se movem como nuvens. Algumas nuvens são claras e fofas e outras são escuras e cheias de tempestade. Mas todas elas passam e o céu está lá. Do ponto de vista do ego, ficamos excitados quando o sol brilha e deprimidos quando faz frio e chove porque somos viciados em nuvens. No entanto, a visão do Dharma é: "Não se preocupe com as nuvens. Quando você desperta na base semelhante ao céu do seu próprio ser, as nuvens não te incomodam mais. "...

O tópicO é identidade - identidade nacional, identidade política, identidade religiosa e identidade pessoal ... – em relação à natureza búdica.

"EU" É UM SIGNIFICANTE VAZIO

De um modo geral, quanto mais pudermos especificar um objeto, menos elaborações podem ser feitas sobre a sua identidade. Podemos dizer "sorvete de chocolate com nozes" e existe um senso compartilhado do que é isso. Nós ainda podemos imaginar algumas coisas, mas a mente não tem muito espaço para movimentar esse conceito. Se nós simplesmente dissermos "sorvete", há muito mais possibilidades: sabores, cores, ingredientes e assim por diante.

É o mesmo com a identidade. Se você diz "*Eu sou alemão*", isso pode significar milhares de coisas, centenas de milhares de coisas. Muitas pessoas diferentes podem se unir e dizer: "*Nós somos alemães*". Poderia significar algo completamente diferente para cada uma delas, mas de alguma forma todas essas ideias diferentes de "alemanidade" podem ser inseridas na noção de ser alemão.

Este é o poder do significante vazio. Temos palavras como "amor". "Eu te amo" pode significar qualquer coisa. Há muitas palavras cujos significados exatos são muito difíceis de descobrirmos. Mas de todos os possíveis significantes, aquele que tem maiores possibilidades de expansão e contração é simplesmente o "eu". O "eu" funciona por causa da sua vacuidade. O "eu" como termo linguístico e no sentido de tom emocional é capaz de acomodar uma ampla variedade de associações. Eu posso me sentir sozinho, eu posso me sentir feliz, eu posso me sentir expansivo, eu posso me sentir tímido ... É possível expressarmos e nos identificarmos com tudo isso porque o "eu" por si só não é determinado.

Dia a dia, hora a hora, na verdade segundo a segundo, o conteúdo do que consideramos "eu" está se deslocando e mudando. O "eu" pode ser preenchido com aspectos que parecem internos - com sensações, sentimentos, lembranças aos quais talvez apenas eu tenha acesso - mas o "eu" também pode ser preenchido com a cor das árvores no outono. "O "eu" pode ser preenchido com a escuridão do início da noite e com a luz refletida em uma poça de água na estrada, com o pathos que isso evoca. Coisas que estão fora e coisas que estão dentro se juntam e geram o senso de um eu individual.

Do ponto de vista budista, isso é muito importante e muito significativo, porque a continuidade do "eu" é a vacuidade do "eu". Se um conteúdo específico do "eu" fosse ficar preso - se "eu" fosse sempre ficar triste, por exemplo - há um eco de "Oh, eu nem sempre fui assim". Então eu posso comparar e contrastar.

Normalmente, ficamos presos apenas no fluxo de significados que combinam com o significante "eu". O "eu" está se enchendo e esvaziando, enchendo e esvaziando momento a momento. E, no entanto, quando falamos de nós mesmos, é como se estivéssemos expressando alguma identidade definível. Pode-se dizer: "*Eu gosto de praia*". Na verdade, não. Às vezes. No verão. Quando a praia não está muito cheia.

Quando fazemos essas afirmações gerais, elas geralmente não são realmente verdadeiras. Quanto mais refinamos o que dizemos, quanto mais personalizamos o que dizemos para que se ajuste a nós, mais vemos que essa coisa que eu digo que é verdade sobre mim é situacional e condicional.

Em um nível mais geral, um termo como "ser britânico" ou até a noção de "ser europeu" ou mesmo "ser um ser humano" são muito generosos. Eles podem aceitar todos os tipos de associações. Quando ouvimos que as pessoas se comportaram de uma maneira muito cruel, podemos dizer "*Isso é desumano*". Ou seja, seres humanos não se comportam dessa maneira ou não deveriam se comportar dessa maneira. E ainda assim eles o fazem. Então os seres humanos podem ser não humanos, podem ser desumanos.

Aí temos um problema de categoria. Imaginamos que a categoria "ser humano" indique alguma coisa: dois braços, duas pernas, andar, causar problemas... Mas algumas vezes os humanos são desumanos. Como isso é possível? Porque a categoria começa a ficar nervosa quando você tenta colocar coisas nela que a estendem demais. Apesar de todas as coisas incrivelmente desagradáveis que os seres humanos fazem, nós ainda nos apegamos a uma ideia de que os seres humanos são bons. Formamos nossas impressões sobre o comportamento de pessoas com nossas categorias de sensato/irracional, compassivo/egoísta e assim por diante. E se o que os seres humanos estão fazendo está dentro dos parâmetros das nossas categorias favoritas, dizemos "*Isso é o que os seres humanos fazem*".

Você pode assistir a um vídeo no YouTube de alguém tendo a cabeça cortada com uma faca cega e dizer: "*Isso é desumano!*". De alguma forma, usar uma faca cega ou um machado sem corte é pior do que usar uma faca afiada, ou a lâmina afiada de uma guilhotina. Então talvez tenhamos que dizer que uma definição de desumanidade é usar uma faca cega.

É assim que começamos a ver que estamos jogando com conceitos. A ferramenta com a qual eu me movo no mundo e entendo o mundo é útil para mim principalmente porque não é excessivamente determinada. A indeterminação da linguagem nos permite ocupá-la de uma maneira particular e ao mesmo tempo ter a sensação de que estamos dizendo algo muito preciso e significativo.

"EU" AQUI E "VOCÊ" LÁ FORA

Por que isso é importante? Bem, do ponto de vista budista, especialmente na visão dzogchen, a base do nosso ser ou a base a partir da qual tudo o que vemos, ouvimos, cheiramos, tocamos e sabemos, tudo surge dessa base que está além do alcance da linguagem. A linguagem emerge do inexprimível, do inefável. A ignorância é a perda da presença simples, relaxada e aberta na base. Quando isso ocorre, há um tipo de mistura de ansiedade, um senso de instabilidade, e isso se manifesta como apego, como um se agarrar, um segurar algo como um meio de obter segurança.

É assim que surge a dualidade. A dualidade é sujeito e objeto. "Eu" me agarro a "isso". Eu sou o James. Existe um apego, um agarrar-se a uma formulação específica que parece definitiva ou pelo menos um referencial preciso para mim. Agora que eu sinto que "Eu sou eu", posso perguntar "Então quem é você?" Assim começamos a multiplicar nossas palavras e conceitos e damos nomes a tudo.

No Antigo Testamento, esse processo de nomeação é descrito como um ato da sabedoria e generosidade de Deus. Do ponto de vista budista, no entanto, é o tropeço louco do ignorante. Nós nomeamos as coisas porque não vemos o que são. Tudo o que encontramos é o brilho da nossa própria mente, mas o que isso realmente significa? Estamos sentados aqui, temos consciência de estar aqui e, geralmente, temos consciência de estar aqui em nosso corpo: eu

estou dentro de mim olhando para você aí fora; você está dentro de você olhando para mim aqui fora. Isto é normal e deludido. Então, o que realmente está acontecendo? Sinto meus pés na almofada que está embaixo deles. Sinto uma sensação que interpreto como a pressão das minhas nádegas na almofada em que estou sentado. Ou seja, existe um fluxo de experiência que eu identifico como “eu, mim, eu mesmo”. E simultaneamente existe um fluxo de experiência que identifico como sendo "você". Você surge para mim como experiência. Eu experimento as diferentes formas das pessoas, a cor das suas roupas, sua postura. Isso surge para mim. O que está acontecendo para você, eu não sei. Eu só tenho acesso ao “você” como é para mim. O "você" como é para você pertence a você! É por isso que nunca é uma boa ideia falar sobre outras pessoas, já que estamos sempre falando sobre nós mesmos. Nós nunca alcançamos completamente mais ninguém. Achamos que temos uma percepção precisa, mas temos uma interpretação.

Por exemplo, de onde eu estou sentado, eu vejo os rostos, ombros e outras partes das pessoas. Não é possível pra mim ver as costas de ninguém. Eu acredito que vocês tenham costas, eu imagino que vocês tenham costas, mas eu não sei. Mas esse fato não me preocupa, porque não estou apenas imaginando as suas costas, estou também imaginando as frentes de vocês. Eu estou construindo vocês. Em tibetano, isso é chamado de “du she”: “du” significa juntar e “she” significa saber. Quando abrimos nosso olhar, vemos luz e cor. Com essa matéria-prima básica, nós friccionamos nela nossas formações de hábitos, nossas identificações. Ou seja, vocês aparecem como seres humanos para mim porque tenho acesso à percepção de seres humanos. Se eu fosse um mosquito ou um pássaro, eu não veria vocês dessa maneira. Eu teria diferentes associações. A maioria dos pássaros pequenos é bastante cautelosa com os seres humanos. A maioria dos mosquitos fica muito feliz em encontrar seres humanos. Ambos se envolvem de acordo com suas próprias matrizes interpretativas. Este mundo é nossa interpretação.

Estamos acostumados a ser o que chamamos de “nós mesmos”. Estamos acostumados a ver o tipo de coisa que os olhos humanos veem. Estamos acostumados a cheirar as coisas que o nariz humano cheira. Sabemos que os cães podem ouvir coisas que nós não podemos. Sabemos que os cães gostam de cheiros dos quais provavelmente não gostamos tanto. Então a qualidade do som ou do cheiro é algo revelado através da largura de banda ou abertura do órgão dos sentidos junto com as associações particulares que surgem. A implicação disso é que não há um significado já estabelecido lá fora. Isso significa que um bebê nasce em um mundo de significados, mas na verdade o bebê é ajudado a encontrar a forma de achar significados para o mundo à medida que ele evolui. O bebê aprende a alocar significados. Se o bebê nascer em uma família alemã de classe alta, ele vai tomar sopa sem fazer barulho. Se ele nascer em uma família chinesa, provavelmente fará um pouco de barulho, porque o fazer barulho ao comer, que é normal, recebe diferentes interpretações de acordo com a cultura.

O objetivo disso, especialmente para os meditadores, é começar a perceber que eu sou parte do que quer que esteja surgindo, que o mundo me é revelado através das minhas estruturas interpretativas. Algumas dessas estruturas nós podemos relacionar ao nosso passado familiar e algumas tendências nós apenas parecemos ter, elas parecem fluir através de nós.

Do ponto de vista budista, isso seria o sinal de um padrão, um padrão cármico, estabelecido a partir de uma existência anterior, que o padrão das minhas tendências que estavam surgindo no momento quando no período intermediário, no bardo, eu tomei consciência dos meus pais copulando, se torna determinante para eu entrar no ponto de contato sexual ou não. Estou envolvido, já estou em processo. Conforme cresço na família eu estou aprendendo e mudando, estou fazendo escolhas. Eu aprendo coisas sobre o mundo, eu conheço coisas sobre o mundo e

as conclusões normais que temos, e que somos encorajados a ter pelos nossos pais e pela escola, é que o mundo está lá fora e você sabe algumas das coisas sobre o mundo então você está crescendo e pode funcionar com mais independência.

A FALTA DE CONFIABILIDADE DA IDENTIFICAÇÃO

Se eu começar a observar como me aproximo do mundo, vejo que é me baseando em seleção e apreensão. Quando você anda na rua, algumas coisas chamam sua atenção mais do que outras. É bastante incomum ter um olhar completamente panorâmico para tudo o que você encontra. Nossa disposição e nossas tendências já estão nos inclinando em direção a algumas características do que é revelado e para longe das outras. Embora eu diga "eu caminho na rua"- "a rua" - o que eu estou realmente fazendo é caminhar pela "minha rua", a rua que me é revelada nesse momento com essa luz, esse clima e meu humor. Quando estou mais relaxado e feliz, talvez eu olhe em volta. Se estou um pouco aflito e preocupado com algo pode ser que eu desça a rua e não veja nada. Oh! O mundo é uma revelação. E eu faço parte do processo de revelação.

Pode haver uma música com a qual eu tenha alguma associação positiva e, em seguida, algum desgosto ocorra e eu não quero ouvir essa música novamente. Algum som, lugar ou pessoa que parecia ser uma estrada que abria o mundo para mim agora é como uma parede e eu quero me afastar dela.

Isso indica que o que eu considero ser minha identidade não é algo que eu tenho dentro de mim, mas sim um potencial que pode se manifestar de muitas maneiras diferentes de acordo com as circunstâncias. É o mesmo com as identidades nacionais. Os países podem ser amigáveis em uma direção e totalmente assassinos em outra. Quando nós estudamos história, aprendemos sobre os gregos, persas e romanos e, em todas as épocas, todos os países têm alguns amigos e alguns inimigos. Amigos e inimigos significa gostar e não gostar. Esta é a polarização fundamental que usamos para organizar o campo experiencial.

O budismo fala sobre os três principais venenos ou aflições. Há o embotamento mental ou suposição, o que significa principalmente a suposição de reificação: eu sou real, você é real. A partir daí, assim que você tem algo real lá fora e alguém real aqui dentro, você tem o gostar e o não gostar. Com base no gostar, eu digo: "Você é bom". Com base no não gostar, eu digo: "Você é ruim". "Você é meu amigo bom", "Você é meu inimigo mau." Isso é muito instável. Enquanto lutamos contra o ISIS¹, os curdos são nossos bons amigos. Quando percebemos que temos que apoiar o Governo Central de Bagdá, os curdos são nossos inimigos.

Esta é a vida. Como o Buda disse: "Amigos se tornam inimigos e inimigos se tornam amigos." É por isso que nosso mundo é tão turbulento; porque falamos como se o que disséssemos fosse a verdade. Mas o que sai da nossa boca é apenas um monte de mentiras. "*Você é meu amigo.*" "*Você é meu amigo - sim, mas por hoje.*" Isso é um pouco mais honesto. "*Você é meu amigo no momento, porque você está lavando a louça do jantar e eu não preciso lavar!*"

Começamos a ver que "Você é meu amigo" é situacional, acidental. Estamos usando a palavra "amigo" como se indicasse algo intrínseco no outro. Você é meu amigo porque a amizade está

¹ Estado Islâmico do Iraque e Síria.

impregnada em você. Mas o nosso mundo é coemergente. A amizade que vejo em você é colocada lá por mim. É o mesmo com a inimizade.

E assim o nosso mundo pulsa e flutua entre expansão e contração. Nós estamos mais disponíveis para aqueles que chamamos de "amigos" e menos disponíveis para aqueles que chamamos de "inimigos", mas nenhum deles são identidades fixas. Este é o jogo da identificação.

Vamos voltar ao ponto anterior sobre a progressão da ignorância através da ansiedade para a polaridade de sujeito e objeto. Uma vez que tenhamos a sensação de "eu sou o eu dentro de mim e você é o outro fora de mim", então eu tenho que descobrir como você é em relação a mim. Qual é o seu valor atual para mim? Externamente, os mercados financeiros têm flutuações nas taxas de câmbio o tempo todo, mas os valores que atribuímos a outras pessoas são ainda mais voláteis. Talvez isso seja verdade para você. Certamente é verdade para mim. A falta de confiabilidade é uma das minhas características. As pessoas gostam que sejamos confiáveis. Este é um teatro de estupidez. Se você fosse realmente confiável, veria um belo pôr do sol e seria indiferente. Você pisaria em cocô de cachorro na estrada e seria indiferente. Nós somos criaturas de humor. O humor é primário. É a partir do humor que operamos. O humor é incompreensível, mas está operando em todo lugar. Portanto, nossa identidade está se enchendo e se esvaziando com diferentes tipos de humor, que são provocados, temperados e coloridos pelos pensamentos, sentimentos, memórias, esperanças, medos e assim por diante.

Eu sou instável. É por isso que eu posso me comunicar. Se eu fosse completamente fixo, não conseguiria me comunicar. Mal ou bem a mesa não está falando, *eu* estou falando. E a razão pela qual podemos conversar é porque podemos nos relacionar, o que significa que estou disponível para me manifestar com você. Não sou pré-formado por dentro e depois mostro algo que preparei anteriormente. Nós nos vemos agindo de uma maneira particular com uma pessoa em particular em um momento específico. Então, onde está a identidade? Você tem uma noite muito agradável com um amigo. "*Precisamos nos encontrar novamente em breve!*" Da próxima vez que você o encontra, não é tão interessante. Por que não? Ele está com um humor diferente, você está com um humor diferente. O que você teve foi um momento. Momentos estão lá, plenos, mas não confiáveis. "*Mas eu gosto dessa pessoa!*" O problema é que essa pessoa não existe em nenhum lugar, exceto na sua construção mental!

CONSTRUINDO A NOSSA IDENTIDADE A PARTIR DE CONCEITOS

Esta é uma visão budista fundamental: a estabilidade do mundo é conceitual, não fenomenal. Momento a momento, os fenômenos que chamamos de "eu" e os fenômenos que chamamos de "objeto" estão sempre em interações complexas.

Isso não é um problema, no entanto, se a mente estiver relaxada e aberta. Relaxada e aberta é a qualidade da base, a base do nosso ser. No entanto, quando caímos nessa delusão de ignorar a base e imaginar entidades, as entidades passam a existir por causa de conceitos. Nós interpretamos o mundo não com base no mundo de fato, mas interpretamos o mundo de acordo com a nossa participação no surgimento do mundo.

É por isso que os textos budistas dizem: "Acorde!" Sua vida é dinâmica. Não é estável, não é segura, você vai morrer. O que vai acontecer com você é determinado por como você está. Você está aqui? Momento a momento esse campo de experiência está sendo modelado de acordo

com (não totalmente determinado por, mas de acordo com, em grande parte) seu modo de participação.

Quando começamos a meditar, começamos a ficar mais conscientes disso. Estamos sentados em silêncio, sem tentar fazer muita coisa. Mas todo tipo de pensamentos, sentimentos e sensações estão surgindo e passando. Não sei se as mesmas coisas estão acontecendo para mais alguém; elas estão acontecendo para mim. "Meus pensamentos". Mas eu não os fiz. O ego é um ladrão. O ego não tem nada próprio. Tudo o que temos pegamos do mundo. O corpo cresce ao receber comida do mundo. Somos nutridos quando estamos dentro do corpo da nossa mãe e mais tarde somos nutridos pelo seu peito. Aprendemos uma língua que já existe. Nós estamos pegando.

- Mas o que eu pego é meu! *Eu* estou falando.

- Palavras que você aprendeu.

-Deixa pra lá. *Eu* estou falando!

Dessa maneira, nos tornamos cada vez mais estúpidos à medida que nos tornamos cada vez mais inteligentes. Aprendemos a roubar mais rapidamente e a esconder as evidências do nosso roubo.

Quando eu trabalhava em um hospital, eles tinham um slogan para os estudantes de medicina em relação a pequenas operações: "Veja uma, faça uma, ensine uma." Você vê alguém fazendo a operação, no dia seguinte você faz a operação e no dia seguinte você está ensinando alguém mais como fazê-la. É um pouco alarmante em se tratando de cirurgia, mas é realmente como procedemos na vida. Você aprende a andar de skate sem cair e depois mostra a seu amigo como fazê-lo. Isto não é um acidente. Este é o sinal de que o ego anseia por maestria. "*Eu sei o que estou fazendo!*" "*Eu posso fazer isso!*" Crianças pequenas passam muito tempo chamando a atenção de outras pessoas para mostrar o que podem fazer.

Hoje em dia, o homem mais poderoso do mundo está constantemente twitando para sua mãe e seu pai universais para dizer: "*Veja o que eu posso fazer!*" Isso é muito útil para nós, porque ter tanto dinheiro, ter tanto poder e ainda assim ser tão fundamentalmente inseguro é aterrorizante. Podemos imaginar: "*Oh, se eu tivesse mais dinheiro, se tivesse uma casa maior, se tivesse um parceiro melhor, então eu seria confiante e relaxado.*" E é esse tipo de anseio que nos mantém no processo de autodesenvolvimento e no desejo de encontrar objetos melhores. Mas nunca chegamos lá realmente, pelo menos não por muito tempo.

Isso não é uma falha pessoal. Isso é uma falha estrutural. Nós somos a manifestação da estrutura do ego. A raiz da estrutura do ego é o padrão da atividade mental que surge como consequência de ignorar a base do nosso próprio ser. Essa formação ansiosa, faminta e extremamente ativa que é a forma como existimos é uma tentativa desesperada de deixar de ser nada. "*Eu existo!*" "*Eu sou alguém!*" "*Pelo menos alguém me ama!*" "*Eu existo!*"

Do ponto de vista budista - não! Nós não existimos. Nós nos manifestamos. Ou seja, somos padrões de forma e cor em movimento no espaço, emergentes dinamicamente e situacionalmente.

BUSCANDO SEGURANÇA POR MEIO DE CATEGORIAS

Como é que pensamos que existimos? Por exemplo, *"Eu sou James"*. Na Grã-Bretanha, muitas pessoas também são James. *"Mas eu sou o James da minha mãe! Eu sou o James especial dela. Esse sou só eu"*. Ser o "James" é uma definição relacional. O "James" não está apontando para nada intrínseco ou inerente. Da mesma forma, o que consideramos nossa identidade - jovem ou velho, inteligente ou não, homem ou mulher, preto ou branco, gay ou hétero - todas essas são categorias. E como lidamos com alguém que não se encaixa nas categorias básicas? Esse território intermediário às vezes não é muito acolhedor. Isso ocorre porque buscamos estabilidade através das categorias.

As categorias são conceituais, mas, entretanto, o fenômeno real da nossa vida, o modo como a experiência surge momento a momento, não pode ser compreendido por conceito. No entanto, no nível de um eu-ego, queremos estabilidade. Vemos isso o tempo todo em formações políticas. Muitos governos nacionais foram desestabilizados intencionalmente pela CIA. Geralmente os departamentos de estado, o Pentágono e assim por diante têm uma ideia clara de quem é amigo e quem é inimigo. Por que alguém iria querer que Salvador Allende tenha poder no Chile? Muito melhor ter o general Pinochet. Ele veste um uniforme e nós sabemos o que isso significa. Isso significa que ele é um cara normal. Depois de tomar o poder, ele fez exatamente a coisa certa: promoveu seus amigos e matou seus inimigos. O governo dos EUA entende isso; é assim que "pessoas apropriadas" se comportam. Isso simplifica o mundo. Gosto/não gosto. Bom/ruim.

Isso está no cerne dos ensinamentos do Buda: uma vez que a ignorância surge, você necessariamente começa a dividir o mundo. Se entrarmos na prática Mahayana, começamos a dizer coisas como *"Que todos os seres sencientes sejam felizes"*. Não apenas isso, também dizemos: *"Que todos os seres sencientes sejam igualmente felizes."* Não dizemos *"Que os capitalistas tenham mais felicidade do que os comunistas"*. Independentemente das qualidades que eu possa perceber que você tem e independentemente das categorias interpretativas que eu possa usar, *"Que todos os seres sencientes sejam felizes."* Que os terroristas sejam felizes. Que os torturadores sejam felizes. Que os políticos sejam felizes. Que todos sejam felizes.

"Mas eu não gosto de torturadores. Eu acho que os médicos que salvam doces criancinhas deveriam ser mais felizes do que torturadores. Eles merecem isso. Felicidade e bondade devem ser distribuídas de acordo com o mérito". O julgamento, no entanto, é sempre situacional.

Do ponto de vista da meditação, isso é muito importante. Vemos que aqui está um torturador, ou, de qualquer forma, alguém que faz coisas que consideramos horríveis. Ele pode até gostar de fazer essas coisas horríveis e, portanto, parece razoável dizer que essa é uma pessoa ruim. Certamente, o comportamento é ruim e qualquer satisfação nele é autocentrada e desprovida de compaixão. Então, aqui está uma pessoa e olhamos para o comportamento dela e dizemos: *"Aha, essa é uma pessoa ruim"*. Temos as evidências. É inegável que o que ela faz se encaixa na categoria de "ruim".

Vamos deixar isso de lado por um momento e apenas ficar com *"essa pessoa é"*. Existe uma "pessoa". Quem diz isso? Eu digo! Todos dizemos. Todos nós sabemos. Por que sabemos disso? Porque estamos vagando no samsara devido à ignorância. A categoria de "pessoa" surge para os ignorantes, não para os sábios. Isso não é algo que você aprenderia na escola, já que nossa economia capitalista, baseada na mercantilização, não pode tolerar substantivos vazios, substantivos sem adjetivo.

OS CINCO SKANDAS

Então, o que é uma pessoa? Em tibetano, eles dizem "gang zag" e em sânscrito "pudgala". Pudgala anatman drishti é a visão da ausência de natureza própria inerente nas pessoas. Isso se refere ao que é chamado de "cinco agregados" ou "cinco skandas". "Cinco agregados" significa que existem cinco aspectos ou cinco partes que são justapostas, colocadas juntas, para criar um padrão que, em seguida, consideramos ser um ser senciente, uma pessoa.

O primeiro é a **forma**, ou seja, forma e cor. Na verdade, significa forma e cor tomadas como "alguma coisa". Essencialmente, é o estabelecimento de "alguma coisa". A forma seria, "Na minha mão há um relógio". Mesmo antes de dizermos "relógio" e continuarmos a dizer algo mais sobre ele, "algo" está lá. Portanto, a forma indica uma "coisitude" básica. E, como vimos anteriormente, isso decorre da ignorância. Nós temos esse movimento duplo de reificação, de solidificação, junto com apego. Assim que algo está lá, eu estou apegado. Meu apego àquilo o investe com sua aparente separação e intensidade.

Em seguida, temos **sensação** ou resposta, que é positiva, negativa ou neutra.

Então temos **apreensão**: nós seguramos este relógio. Porque gosto do relógio, olho mais para ele. Porque eu olho mais para ele, ele se torna mais separado do segundo plano, torna-se um tipo de formação de Gestalt e é disso que eu estou me apossando.

Então as **associações** se reúnem em torno deste relógio. Essas associações são a construção ou a elaboração do que está lá. As coisas que vemos nos fazem lembrar de outras coisas. Quando olhei para o relógio, um pensamento sobre o meu pai me veio à mente. Ele costumava dizer: *"Nunca compre um relógio caro! Você vai perdê-lo ou quebrá-lo. Compre um relógio barato e, quando você precisar de um novo, poderá comprar outro"*. Isso traz uma ligação adicional, um friccionar do significado no objeto.

O quinto skanda é a **consciência** ou compreensão: reunir tudo em uma formação. Isso funciona como uma conclusão normalizadora. Penso: *"Ah, sim, este é o meu relógio"*. Depois, ele recua para ser apenas uma coisa; é apenas o meu relógio. Tendo criado essa particularidade, me tranquilizo sobre a aparente inquestionabilidade - que é claro que não é inquestionável - deste mundo que eu habito.

Em seu primeiro ensinamento, o Buda disse que há uma ausência de natureza própria inerente aos fenômenos. Por exemplo, quando olhamos ao redor da sala, vemos pessoas. Talvez algumas pessoas você tenha visto antes, talvez outras pessoas você nunca tenha visto. Algumas pessoas podem parecer mais interessantes, outras menos interessantes. Enfim, todas essas são pessoas: isso parece um ponto de partida. Se você gosta da pessoa você poderia pensar: *"Gostaria de conhecê-la melhor"*. Começo com a suposição de que há um "você" para conhecer. Mas, ao conhecer esse "você", "você" entra em formação "comigo". Quando você começa a me dar o "você", então o agarro com meus dedos frágeis e formo um "você" para mim. Então agora eu estou conhecendo o "você" que eu imagino que você seja.

Onde está a pessoa? A pessoa é um processo de construção. Isso não significa que as pessoas não tenham uma presença. Isso significa que elas não existem como entidades. Elas não são mantidas no lugar por uma identidade interna. Pelo contrário, são um potencial infinito de identidades que emergem de acordo com as circunstâncias, emergentes e coemergentes.

SAINDO DA IDENTIDADE PARA A NATUREZA BÚDICA

Quem sou eu antes de emergir? Usamos a meditação para tentar descobrir isso. É como a pergunta: *“Qual era o meu rosto antes de eu nascer?”* Nascer é ter uma identidade, ser alguém. Mas quem eu sou é um conjunto de conceitos. Eu sou uma história que eu conto para mim mesmo e conto para outras pessoas; essa história inclui as histórias que outras pessoas me contaram sobre mim. Então, quem eu sou se não sou uma história? Quem eu sou antes de dizer pra mim mesmo quem eu sou?

É quando nos movemos da identidade para a natureza búdica. Quando contamos uma história sobre algo estamos construindo aquilo. O Buda disse que todas as coisas compostas são impermanentes. As construções que nós desenvolvemos nas várias etapas das nossas vidas têm um prazo de validade. Elas perdem a sua relevância. Posso dizer *“Eu morei na Índia”*, mas isso foi há trinta anos. Muita coisa aconteceu desde então. No começo, quando eu voltei da Índia, achei muito difícil me adaptar à vida na Grã-Bretanha. A vida na Índia era o que me parecia verdadeiro, mas gradualmente os anos passam e agora isso é algo do passado. Ainda posso dizer: *“Eu morei na Índia”*, mas agora não há muita substância nisso. A substância do que eu disse foi o sentimento que coloquei naquilo: *“Oh, Índia!”* Infelizmente, nunca fui capaz de dizer: *“Oh, Londres!”*

Dessa forma, podemos ver como esses cinco skandas ou cinco agregados se deslocam como potenciais para continuar criando padrão após padrão após padrão. Eles são como castelos de areia porque não têm nenhuma verdade profunda ou autodefinição. Eles não são confiáveis.

Se estamos incomodados com o sofrimento, se vemos o sofrimento no mundo e gostaríamos que ele terminasse, prestamos atenção ao Buda, cuja terceira Nobre Verdade é: *“Há um fim para o sofrimento”*. O sofrimento tem uma origem e tem um fim. O sofrimento não é intrínseco, é gerado, é fabricado. Se você parar de fabricá-lo, ele não estará lá. Nós criamos o sofrimento para nós mesmos.

Como fazemos isso? Observamos o fluxo da experiência, que está constantemente mudando, pegamos as tesouras da dualidade e tentamos cortar pequenos pedaços e enfiá-los no bolso para mais tarde. Agora eu tenho alguma coisa! Talvez, mas isso está apodrecendo, decaindo, morrendo. Então, continuamos cortando, pegando e escondendo, cortando, pegando e escondendo. Isso é o sofrimento. Isso nunca é estável, nunca é seguro.

Mas *há* algo seguro - a natureza de buda. Esta é a própria mente. A mente tem dois aspectos: abertura não-nascida (ou seja, ela não é uma coisa porque não tem forma ou cor; ela não tem uma origem no tempo ou um fim no tempo), e a qualidade da *mente*, da lucidez, que é a clareza que revela o fluxo incessante da experiência. Esse fluxo da experiência se manifesta como a eterna conversa, diálogo ou dialética entre sujeito e objeto.

"Eu, mim, eu mesmo" é experiência. Eu acho que sou o experimentador, mas sou algo revelado. O revelador da experiência é a clareza da mente. A clareza da mente não é o ego; não é uma clareza intelectual. É a clareza que está presente com o surgimento dos fenômenos. À medida que os fenômenos surgem, nós os sobrepomos com narrativa. O frescor do momento que surge está sendo besuntado com as fezes do passado. Fazemos isso o tempo todo e dizemos a nós mesmos que a merda cheira a rosas. Eu posso até fingir que essa merda não é apenas rosas, mas também tulipas, narcisos e campânulas brancas!

A tarefa central e o ponto central é ver que você não pode sair do samsara confiando em conceitos. Claramente eu estou usando um monte de conceitos conversando com vocês esta noite. Mas minha esperança é usar conceitos para desconstruir conceitos. Não precisamos acumular mais conceitos para nos tornarmos budistas, mas precisamos realmente nos tornar mais desconfiados de nós mesmos. Eu estou na ignorância. Se eu acredito no que o Buda disse então o que eu acho que é verdade provavelmente não é verdade. Então eu não posso adormecer na fala. Não posso me envolver em um edredom de conceitos e passar a vida sonhando, porque agora eu quero ver o que eu estou fazendo, que peças eu estou pregando em mim mesmo.

A prática é repetidamente relaxar nossa excitação mental excessiva, para que haja espaço para o que realmente está aqui se revelar. É uma ideia bastante desafiadora, a de que quando penso que estou simplesmente vendo, na verdade estou envolvido em complexas interpretações imaginativas. Ou seja, eu me misturo tão facilmente com os pensamentos e sentimentos, sou tão confluyente com eles, que os considero mensageiros da verdade.

Quando começamos a fazer algumas meditações básicas, tomamos consciência do tipo de pensamentos e sentimentos que surgem. Começamos a ver que somos loucos, que a mente está cheia de coisas estranhas indo e vindo o tempo todo. Vemos como nossa mente se enche de coisas que não queremos, mas das quais temos dificuldade de nos livrar. Nossa mente se enche de coisas com as quais gostaríamos de nos identificar, mas elas continuam fugindo e não podemos nos agarrar a elas. Ainda assim, de alguma forma, ainda estou aqui. Os bons momentos, os bons pensamentos, os bons sentimentos vêm e vão e, da mesma forma, os maus momentos, os maus pensamentos e os maus sentimentos vêm e vão.

Então quem é que está aqui quando tudo está passando? Nuvens estão no céu; o céu oferece hospitalidade às nuvens, mas as nuvens não são o mesmo que o céu. Mesmo quando as nuvens estão no céu, o céu está livre das nuvens. Se o céu não estivesse livre das nuvens então quando o vento soprasse, as nuvens não se mexeriam. Mas elas se mexem.

Do mesmo modo, nossa natureza búdica é a lucidez aberta, como o céu, dentro da qual pensamentos, sentimentos, memórias etc. se movem como nuvens. Algumas nuvens são claras e fofas e outras são escuras e cheias de tempestade. Mas todas elas passam e o céu está lá. Do ponto de vista do ego, ficamos excitados quando o sol brilha e deprimidos quando faz frio e chove porque somos viciados em nuvens. No entanto, a visão do Dharma é: *"Não se preocupe com as nuvens. Quando você desperta na base semelhante ao céu do seu próprio ser, as nuvens não te incomodam mais."*

Essa é a diferença entre uma identidade baseada na seleção e apego e a natureza búdica, que está sempre aberta a tudo o que ocorre e não é aprisionada nem diminuída por nada.